

VERBO SUPORTE “HAVER” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Bismarck Zanco de Moura (UFRJ)
dezanco@hotmail.com

RESUMO

Discutem-se, neste trabalho completo, propriedades funcionais e textuais associadas ao uso de construções com o verbo suporte “*haver*” em diferentes gêneros e domínios textuais do português brasileiro. Em seguida, é feito o mapeamento dessas estruturas sintáticas em uma perspectiva construcional da gramática do português, onde se acreditam existir duas microconstruções, uma que exprime estado e outra, evento.

Palavras-chave:

Funcionalismo. Construções gramaticais. “*Haver*” suporte.

SOMMARIO

In questo lavoro scritto, vengono discusse le proprietà funzionali e testuali associate all'uso di costruzioni con il verbo di supporto “*haver*” in diversi generi e domini testuali del portoghese brasiliano. Quindi, queste strutture sintattiche sono mappate in una prospettiva costruttiva della grammatica portoghese, dove si ritiene che ci siano due microcostruzioni, una che esprime lo stato e l'altra, l'evento.

Parole chiave:

Funzionalismo. Costruzioni grammaticali. “*Haver*” supporto.

1. Introdução

Este trabalho completo, desdobramento de uma dissertação de mestrado, não só apresenta, objetivamente, os resultados de uma investigação acerca das propriedades estáveis associadas ao uso de construções com o verbo suporte “*haver*” em diferentes gêneros textuais do Português Brasileiro contemporâneo, mas também propõe o tratamento dessa unidade da linguagem em uma visão linguística construcional (Cf. GOLDBERG, 1995). Assim, tem-se por objetivos a descrição de aspectos sintático-semânticos, bem como textual-discursivos e a proposição da gramática de construções dos falantes do PB ao empregarem “*haver*” na estruturação de predicados complexos, em usos como o que segue abaixo:

(1) “Há uma tendência em redução do número de casos policiais ou o excesso é somente de boletins de ocorrências registrados pela população?” [Editorial, O diário, 2016].

Instâncias da construção *haver* + *SN* são compostas do verbo su-

porte “haver”, instrumento morfossintático envolvido na construção do predicado, e de sintagmas nominais, que são incorporados àquele, configurando o sentido do todo. O conjunto formado por esses componentes, verbal e nominal, o predicador complexo, passa a ser interpretado, ou, nos termos de Neves (2002), “redefinido”, como uma única unidade lexical. Assim, a perífrase “há uma tendência” tem o estatuto de uma única unidade lexical.

Há, por parte do verbo suporte “haver”, dependência de constituintes adjacentes com função “predicante”. O termo “tendência” é o termo do qual o suporte “haver” depende. Exibem extensão de atuação relativamente alta, o que aumenta seu caráter instrumental, uma vez que o verbo suporte da sequência dispõe da possibilidade de combinação com elementos auxiliados de diferentes configurações semânticas, sintagmas não verbais abstratos, como “ênfase”, em (2) e eventivos, como “menção”, em (3), embora todos sejam inanimados e não tão diversos, em termos de configuração sintática, porque admitem apenas sintagmas nominais, como se nota abaixo:

(2) “Nota-se uma mudança na ordem de representatividade das categorias, uma vez que no primeiro período houve ênfase no discurso voltado para a área da Saúde e no último, uma preocupação eminentemente pedagógica, tendência esta também identificada por Freire (2007)”. [Artigo científico, Arquivos em movimento, 2015].

(3) “Em segundo lugar, nos anos de 2005, 2009 e 2011, apesar de haver a presença de trabalhos com mais de um autor, não houve menção ao fato de estes trabalhos serem frutos de grupos de pesquisa ou com a presença de financiamento”. [Artigo científico, Arquivos em movimento, 2014].

Embora este estudo esteja concentrado na categoria suporte, geralmente, as gramáticas tradicionais descrevem o verbo “haver” em apenas duas categorias, a de principal e a de auxiliar, como nos usos abaixo:

(4) “Mesmo havendo focos de desperdício tanto nos investimentos quanto na área de educação, não parece razoável imaginar que o saneamento estrutural das finanças públicas comece por estas áreas, principalmente no atual contexto de crise”. [Artigo de opinião, Carta Capital, 2016].

(5) “Durante 20 anos, diz a proposta, todas as despesas públicas serão corrigidas de um orçamento para o outro apenas com base na infla-

ção do ano anterior. Não haverá aumentos reais”. [Artigo de opinião, Carta Capital, 2016].

(6) “Por isso, lutamos há séculos em condições desiguais para sobreviver e conquistar a cidadania”. [Artigo de opinião, Carta Capital, 2016].

No uso (1), o verbo “*haver*” manifesta-se na categoria de suporte de categorias gramaticais, cabendo ao “*tendência*” o papel de núcleo sintático-semântico da predicação. Por meio das características até aqui descritas, pode-se verificar que as construções com verbos suportes são “*estruturas em auxiliarização*”, assim como os clássicos verbos auxiliares (apesar do diferente escopo de atuação)”. É oportuna a visão que também é partilhada por outros autores, conforme se pode observar do fragmento abaixo, em que é apontada a natureza auxiliar de um componente dessas construções

É justamente no caráter auxiliar revelado na atribuição de estatuto predicante a uma forma, de partida, não-verbal e na marcação morfológica de certas categorias gramaticais tipicamente associadas à classe dos verbos (tempo, modo, aspecto, número e pessoa) que está a motivação para a designação de verbo suporte. (MACHADO VIEIRA, 2014, p. 103)

Em (4) – (6), entretanto, “*haver*” é empregado na mais frequente categoria linguística abordada nas salas de aula de língua portuguesa, a de principal. Do ponto de vista do significado, estudos relacionam-nos aos valores de existência, como em (4); ocorrência, como em (5); e tempo, como em (6). Os exemplos (7) e (8) são, normalmente, listados entre os usos auxiliares, entretanto, *há*, entre esses, uma categoria híbrida, que ainda não passa por todos os parâmetros de auxiliaridade de (MACHADO VIEIRA, 2004), ou seja, não é um auxiliar verbal prototípico, o que pode ser percebido até pelo significado que assume no domínio dêontico. O item (8), portanto, é um semiauxiliar modal. Não se perca de vista que os auxiliares prototípicos do português são os veiculadores de tempo.

(7) “Cáceres era líder da comunidade lenca. Em abril de 2015, havia obtido o Prêmio Goldman de Meio Ambiente, o máximo reconhecimento mundial para atividades de meio ambiente”. [Artigo de opinião, Carta Capital, 2016].

(8) “O bacharel de Tietê há de inspirar, nos adeptos, seu estilo de ênfase empolada, de mesóclises pernósticas e de um primarismo rudimentar”. [Artigo de opinião, Caros amigos, 2016].

Assim, essa análise de alguns contextos interacionais em que esse

verbo é usado permite observar que esse item exhibe, no português do Brasil, comportamento multifuncional. Além de predicador e auxiliar, pode ser verbo suporte, marcador temporal (MACHADO VIEIRA, 2008) ou “elemento instrumental formador de expressões adverbiais de tempo” (PAIVA, 2010).

Além desse verbo exercer o papel de predicador, uso em que assume os papéis relativos à projeção da predicação e à organização da configuração semântica e sintática de um enunciado (MACHADO VIEIRA, 2004, p. 66), ele pode ser empregado, na elaboração de predicadores complexos, como elemento gramatical, na categoria dos verbos suportes, como prova a possibilidade de equivalência/alternância pelo predicador “Tende-se” (a).

A introdução desse elemento linguístico, nesse novo contexto de uso, é concebida, neste estudo, como resultado da atuação de um processo de gramaticalização (*no continuum de predicador a verbo suporte*) a partir do qual, em certos usos, “haver” migra da categoria de verbo lexical e vai adquirindo propriedades gramaticais, características de elementos que pertencem à categoria dos verbos suportes.

2. Objetivos e hipóteses

Listam-se a seguir os seguintes objetivos que este trabalho intenta responder.

(i) Verificar, com relação aos aspectos textuais, em que modo de organização do discurso, gênero textual e domínio discursivo as instâncias da construção com “haver” suporte ocorrem, bem como identificar em quais são mais produtivas.

(ii) Detectar em que padrão modo-temporal essas estruturas estão fixadas.

(iii) Quanto ao ambiente, onde essas instâncias ocorrem, analisar se são usadas na presença de elementos atratores e em qual posição sintática do enunciado suas ocorrências são mais produtivas.

(iv) Identificar, com relação aos aspectos morfosintáticos da estrutura, que tipo de perífrase é mais produtiva, prototípica ou não prototípica, e verificar as possíveis configurações formais do elemento não verbal predicante sobre o qual o verbo suporte opera.

(v) No que concerne aos aspectos funcionais, deseja-se investigar qual é a natureza semântica do elemento nominal incorporado, bem como o modo como o autor está envolvido no discurso, com o emprego de instâncias da construção com o verbo suporte “*haver*” e também que tipos de considerações são feitas com essas e, principalmente,

(vi) Sistematizar as microconstruções e/ou (sub)esquemas construcionais de *haver* + SN.

Entre as hipóteses, mencionam-se as seguintes:

(i) As ocorrências sejam mais produtivas em sequências textuais narrativas, e no domínio discursivo acadêmico.

(ii) Acredita-se que elas sejam mais produtivas no pretérito perfeito do indicativo.

(iii) Quanto ao contexto sintático, é provável que ocorram com atores em posição imediatamente anterior e no início de período.

(iv) Com relação à configuração formal, acredita-se que sejam mais produtivas ocorrências de perífrases não prototípicas, instanciadas, mais especificamente, por elementos nominais a que se antepõem artigos intervenientes.

(v) Quanto às propriedades do significado, cogita-se que sejam mais frequentes elementos inanimados do tipo evento, que a construção sirva à apresentação de dados/fatos, sem a presença da opinião do autor e se relacione, no enunciado, à expressão de conteúdos mais específicos.

Revisão em dois autores renomados

Discurso abaixo sobre o tratamento reservado ao verbo “*haver*” em duas obras renomadas da língua portuguesa, uma de natureza tradicional, que assume indiretamente a existência de verbos suportes, sob o rótulo blocos conglomerados, e uma obra descritiva mais recente que assume a existência da categoria dos verbos suportes.

Rocha Lima (1997) define o verbo como “palavra que expressa um fato, uma contencimento: o que se passa com os seres”. Adiante, sem mencionar qualquer exemplo, afirma que os verbos são a parte da oração mais rica em variações e acidentes gramaticais, os quais permitem a expressão de modo, tempo, número, pessoa e voz. Além da definição desse autor contemplar apenas a propriedade semântica das unidades dessa classe, ela ignora a existência de frases nas quais não há fato ou aconte-

cimento algum, como nos predicados nominais, “Pedro é doente” ou “Pedro está doente” (ROCHA LIMA, 1997, p. 238).

Na descrição dos predicados, Rocha Lima (1997) aponta algumas propriedades das construções com verbos suportes, ao definir o predicado de tipo verbo-nominal ou misto. Segundo o autor, trata-se de um predicado que contém dois núcleos, bem como as construções perifrásticas, um dos núcleos do predicado verbo-nominal é um verbo de variada transitividade, intransitivo ou transitivo, e o outro núcleo é um nome, denominado predicativo. Assim, embora reconheça a possibilidade de um nome se associar a um verbo, partilhando com ele a função de núcleo da predicação, o autor, em seção reservada ao estudo dos complementos verbais, restringe-se a identificar essas estruturas, denominando-as de “conglomerados”.

Rocha Lima (1997, p. 250), ao tratar do que concebe como “casos controversos de objeto indireto”, denomina de “conglomerados” os blocos estruturados em verbo + objeto direto que possuem equivalência com formas verbais simples (ter medo ~ temer, ter amor ~ amar; fazer guerra ~ guerrear e pôr freio ~ refrear). Não há descrição para os predicadores complexos (“haver” suporte + sintagma nominal predicante).

Na abordagem desse gramático, as construções em análise, como em “Haverá crescimento do índice populacional em todas as regiões do mundo” e em “Houve uma antecipação da vinda do presidente Copez a esta CPI. Fica difícil a gente indagar sem ter informações”, nas quais “haver” opera como verbalizador, respectivamente, dos nomes “crescimento” e “antecipação”, receberiam tratamento insatisfatório, que se limitaria à sua categorização como “conglomerado”, principalmente, pela possibilidade de permuta pelas formas verbais simples “crescerá” e “antecipou-se”. Soma-se a isso o fato de o autor categorizar a parte nominal do conglomerado como “objeto direto” e, assim, relegar um papel decerto modo secundário/obscuro (porque derivado da predicação de um verbo) a esse constituinte na estruturação da predicação.

Na “Gramática do Português” de Eduardo Raposo *et al.* (2013), há uma seção que se concentra no estudo dos verbos leves, outra nomenclatura para os verbos suporte, como também utilizam as autoras acima. Os autores afirmam que esse tipo de verbo existe em número pequeno na língua portuguesa e, entre eles, incluem dar, fazer e ter, também apontados por eles como os verbos mais representativos. Ao longo do texto, os autores descrevem não só características, mas também propriedades de

construções com verbos suportes.

Dentre as características das construções com os verbos leves, são citadas pelos autores (i) a existência de relação semântica da estrutura perifrástica (verbo suporte + SN) com verbos plenos de mesma estrutura morfofonológica, “Os miúdos deram animação à festa (~ animaram)”;

“Os alunos fizeram um resumo da lição (~ resumiram)” e “A Ana teve lucro com todo o processo (~ lucrou)”;

(ii) a atuação de um processo de esvaziamento semântico sobre o verbo suporte, a partir do qual, em alguns enunciados, eles aparecem desprovidos de seu sentido descritivo básico.

Nos enunciados acima, os autores revelam que não persiste, respectivamente, os sentidos plenos de transferência material, em dar; de criação material, em fazer e de posse, em ter e (iii) a impossibilidade de os verbos suportes funcionarem sozinhos como predicadores, o que torna obrigatória a seleção de um constituinte de natureza nominal com que formarão um predicador complexo. Nos exemplos acima, extraídos dessa obra, os verbos dar, fazer e ter apoiam-se, respectivamente, nos nomes “animação”, “resumo” e “lucro”.

Além de características, os autores mencionam propriedades das construções com verbos suportes, uma delas consiste na possibilidade de paráfrase da sequência verbo leve + constituinte nominal por verbo morfológicamente relacionado ao núcleo nominal, como se pode verificar em teve lucro por lucrou, o que, inclusive, segundo esses autores, reforça a ideia de que o centro da predicação nessas sequências é o elemento de natureza nominal e não o verbal. Os autores observam ainda que há construções com verbos suportes em que a paráfrase não é viável, como em “O Zé teve sorte” ou “É preciso dar corda ao relógio”, predicações complexas que não encontram formas plenas correspondentes.

Outra propriedade diz respeito ao papel do verbo leve na predicação, que tem, como afirmam os autores, relevância, apesar de não serem os centros. O processo de esvaziamento da carga semântica dos verbos leves é parcial, o que se atesta pelo fato de essa unidade preservar as propriedades de seleção argumental do verbo pleno correspondente. Assim, o verbo dar é quer no uso pleno, quer no uso como verbo leve um predicador de três lugares.

Além de conservar a propriedade relativa à seleção argumental do verbo pleno correspondente, os verbos suportes impõem suas próprias restrições semânticas sobre o sujeito, distintas das que apresenta nos em-

pregos como plenos, o que, para os autores, é indício de forte contribuição semântica na formação do predicador complexo. Os autores exemplificam essa propriedade de seleção semântica com as estruturas “O João/O vento empurrou a Maria (com toda a força)” e “O João/*O vento deu um empurrão à Maria (com toda a força)” (Raposo et al., 2013, p. 1216) e explicam que os verbos leves podem atribuir papéis temáticos diferentes dos que os verbos simples morfologicamente relacionados atribuem.

Assim, eles afirmam que a agramaticalidade da sentença “*O vento deu um empurrão à Maria (com toda a força)” deve-se ao fato de a perífrase “deu um empurrão” só ocorrer com sujeito [+humano] e com o papel temático de agente, enquanto o verbo simples admite sujeito [-humano] com papel de causa, “O vento empurrou Maria (com toda a força)”.

A última propriedade listada refere-se ao fato de os verbos leves serem sensíveis às propriedades aspectuais da expressão nominal, conforme se observa em “*O João fez um espirro barulhento”. Segundo os autores, o verbo leve fazer não permite associação com elemento nominal que denote um evento instantâneo, como “espirro”, mas pode se combinar com nomes que derivam de verbos que denotam processos, como em “O João fez uma corrida impressionante”.

Após abordar essas propriedades, os autores, à guisa da conclusão, comparam os verbos leves com outros tipos de verbos. Dizem que, assim como os verbos plenos, os verbos leves contribuem para a organização da predicação da frase, característica que não é partilhada pelos verbos auxiliares, “A Joana foi condenada a três anos de prisão”; nem pelos copulativos, “a Joana é inteligente”. Ao comparar a predicação, eles reconhecem que os verbos leves se diferenciam dos plenos, porque se combinam com um elemento nominal, enquanto estes não o fazem.

Em seção extra, os autores afirmam que há autores que consideram os verbos de sentenças como “O noticiário pôs as cheias em destaque”, com características de verbos leves. Embora utilizem outros enunciados, aqui apenas esse será focalizado, a fim de que se possa compreender as razões pelas quais atribuem ao verbo pôr características de verbos leves. Afirmam que uma dessas razões é a alternativa de ocorrência do constituinte predicativo “em destaque”. Esse constituinte pode seguir imediatamente o verbo, comportamento exibido nas estruturas perifrásticas de verbo leve e elemento nominal.

Outra razão é a alteração do sentido básico, nesse caso, pôr deixa de veicular movimento espacial, embora, assim como os verbos leves, também preserve parte do significado. Os autores dizem que, nessa sentença, é descrita uma ação causal que implica mudança de estado e não de lugar. A última semelhança com os verbos leves reside na possibilidade de paráfrase do verbo pôr com um constituinte predicativo por uma forma simples, “destacar”.

3. Referencial teórico-metodológico

Goldberg (1995) afirma que podem constituir construções gramaticais itens isolados ou estruturas formadas por dois ou mais elementos. Ela propõe que tanto aqueles quanto estas devem conter correspondência de forma e significado/função. Para ela, a existência das construções, esquemas abstratos, não dependem dos elementos que as constituem, isto é, das unidades gramaticais e lexicais que as preenchem.

Segundo a autora, a elaboração de construções gramaticais (esquemas) e nestas uma associação de formas com determinados sentidos surgem, a partir das experiências vivenciadas pelos usuários da língua. As construções seriam, então, formas de conceptualizar as ações do mundo. Os usuários participam de contextos comunicativos que os levam a gerar essas construções e as relacionar a um significado. Goldberg (1995) propôs a representação de experiências humanas básicas por meio de esquemas. Segundo ela, esses esquemas auxiliam na compreensão dos sentidos das expressões linguísticas, além de já conterem, independentemente dos elementos que os instanciam, significado próprio. Para a autora, o sentido total da construção resulta da compatibilização do significado da construção com o dos itens lexicais que as compõem.

A formação de construções gramaticais de uma língua pode envolver, segundo Goldberg (1995), pareamentos com diferentes níveis de organização e de complexidade estrutural, desde os elementos mais típicos do nível lexical, passando pelo nível morfológico até o sintático, ao qual ela atribui o maior grau de complexidade. Essa tendência em incluir unidades de diferentes níveis num só modelo de gramática demonstra a visão da autora de que o léxico e a sintaxe não são considerados níveis que contêm unidades estanques, mas polos de um *continuum* de complexidade, o *continuum* léxico-sintaxe.

Pinheiro (2015, p. 167) afirma que “todas essas unidades estão re-

unidas em uma espécie de ‘léxico expandido, um léxico de construções’”. Pode-se perceber que, para essa autora, as unidades básicas de qualquer língua são construções gramaticais. Nessa perspectiva, essas se diferenciam apenas quanto ao grau de preenchimento e de complexidade, assemelhando-se quanto ao fato de serem pareamentos convencionalizados, uma vez que são partilhados pelos usuários, no uso.

Entende-se que há na gramática pareamentos de forma-função envolvendo construções com verbos suportes, cuja representação mais geral seria: Vsuporte + elemento não verbal – predicador de um estado de coisas no mundo biossocial. No casadas instâncias que se compatibilizam com microconstruções do tipo *haver* + SN, a função discursiva relaciona-se à expressão, principalmente, de predicacões de eventos e estados, cujos conteúdos envolvem impessoalização discursiva, a depender do preenchimento dos lot SN. Machado Vieira (2014) afirma que as construções com verbos suportes são uma das unidades para predicar que estão disponíveis aos usuários do português:

É possível observar, [...], que os falantes se valem das construções com verbo suporte produtivamente no Português e que o fazem para, entre outras finalidades, refletir padrões do pensamento humano culturalmente estabelecidos, exprimir sentidos que não são (ou, pelo menos, não são tão facilmente) expressos mediante outras formas linguísticas, produzir e compreender novos predicadores complexos, promover interação social ou coerência textual (MACHADO VIEIRA, 2014, p. 121)

Na abordagem construcional de gramática, as estruturas linguísticas são diferenciadas em termos de grau de complexidade. Não havendo qualquer diferença entre uma palavra como “menino” e um padrão abstrato de voz passiva, por exemplo, no qual se verifica uma espécie de regularidade sintático-semântica (SUJ AUX V part. AP). A única diferença entre essas é o fato de que aquela é mais preenchida e menos complexa estruturalmente e esta é menos preenchida, isto é, tem *slots* mais abertos e maior complexidade interna.

Para Traugott & Trousdale (2013), as línguas são compostas de pareamentos. Esses são unidades simbólicas convencionais de forma (expressão fonológica, prosódica e/ou morfossintática) e significado (informações semânticas, pragmáticas, discursivas ou funcionais), que estão na mente dos usuários. Os usuários de uma língua conhecem diversos esquemas, subesquemas e microconstruções e os relacionam a diferentes formas linguísticas, processo de domínio da língua que pode promover, por conta de mecanismos de mudança como analogização/analogia e neanálise, a formação de novas estruturas associadas a novas funções, o

que se vem chamando de construcionalização (mudança na forma e na função). Também nesse processo pode dar-se mudança ou na forma ou na função de um padrão construcional (mudança construcional). Nesse caso, não se tem um novo pareamento (um novo nó na rede de padrões construcionais interligados). No caso de construcionalização, tem-se um novo pareamento.

Além da concepção de que a língua é composta por construções gramaticais, são princípios básicos da abordagem construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) a relação direta entre a sintaxe e a semântica, a crença de que a língua é um sistema cognitivo, a existência de uma rede de nós e de ligações entre esses, mediante relações de polissemia, extensão metafórica, herança, parte-todo e instanciação (Cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013: 59-62) e a influência do uso na formação da estrutura da língua.

O intuito desta pesquisa é, então, sistematizar as microconstruções e/ou (sub)esquemas construcionais que lhe conferem o estatuto gramatical de *operandum* auxiliar de verbalização (MACHADO VIEIRA, 2001) e o significado abstrato de marcar informações gramaticais. Essa abordagem construcional parte de uma constituição dos dados que se deu mediante a coleta em diferentes gêneros textuais, distribuídos por três domínios discursivos: acadêmico, jornalístico e conversacional. Fizeram parte do domínio acadêmico os gêneros resumo, artigo e tese; do gênero jornalístico, crônica jornalística, editorial e artigo de opinião, já o gênero conversacional foi composto apenas por entrevistas. Todos esses textos abordavam assuntos de temáticas diversas: política, economia, história, saúde, ciência. Consultaram-se 554 textos (orais e escritos).

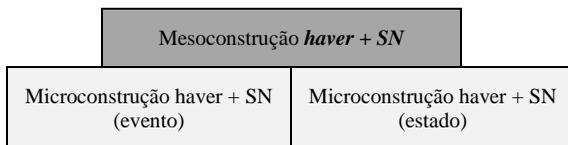
As amostras de ocorrências da construção com “*haver*” suporte detectadas permitiram que se definissem como grupos de fatores a examinar: (a) modo de organização do discurso, (b) gênero textual e domínio discursivo, (c) tempo e modo verbal, (d) presença e posição de elemento atrator no período, (e) posição da construção verbo-nominal no período, (f) tipo de perífrase (e a configuração estrutural do elemento não verbal), (g) natureza semântica do sintagma nominal incorporado, (h) grau de envolvimento do autor na expressão do enunciado e (i) tipo de consideração. A partir dos fatores, examinou-se a amostra tendo-se obtido os resultados abaixo, que serviram para a proposição de dois padrões construcionais com “*haver*” suporte no português brasileiro contemporâneo.

RESULTADOS DA ANÁLISE FUNCIONAL

Grupos de análise	Resultados
Modo de organização do discurso	exposição
Gênero textual e domínio discursivo	tese/dissertação, entrevista e artigo acadêmico – domínio acadêmico
Tempo e modo verbal	Presente e do pretérito perfeito do indicativo,
Presença e posição de elemento atrator no período	Presença dos atratores (Não, que)
Posição da construção verbo-nominal no período	Posição não inicial
Tipo de perífrase	120 prototípicas x 138 não prototípicas
Natureza semântica do sintagma nominal incorporado	Inanimado evento
Grau de envolvimento do autor na expressão do enunciado	Apresentação de um fato/dado ou algo, em que não há a expressão de opinião do autor.
Tipo de consideração	136 genérica x 122 específica

4. Análise construcional

Foi possível perceber que *haver* + SN é uma construção gramatical com propriedades definidas na gramática do PB, que se distribui em duas microconstruções:



a. Esquema parcial de “*haver*” suporte no PB

(a) Padrão de Microconstrução I:

Microconstruções de [*haver* + SN predicante] predicador complexo impessoal que servem à expressão de predicções de estado ou acontecimento ou estados de coisas não dinâmicos:

- (9) “Há necessidade de mudança estratégica, de posicionamento e comando. Não é somente “mudar por mudar”, mas estabelecer os pontos essenciais da mudança, com visão de planejamento estratégico e atitudes com pontos cirúrgicos precisos”. [Editorial, O diário, 2016].
- (10) “Não há dúvida de que toda a tecnologia disponível para o controle da lisura do processo eleitoral representa importante avanço, mas que, por si só, não é suficiente. A última palavra

cabará sempre ao eleitor que pode – com seu voto – impedir que políticos descompromissados com o bem comum consigam chegar a postos de comando das cidades brasileiras”. [Editorial, O diário, 2016].

(b) Padrão de Microconstrução II:

Microconstruções de [*haver* + SN predicante] predicador complexo impessoal que servem à expressão de predicções de ação ou processo, ou seja, estados de coisas dinâmicos:

- (11) “Optou-se por esse período de tempo em função do desmembramento e então, criação do GTTCC em 2005, conforme mencionado, e porque em 2012 houve a realização do último CONBRACE8 cujos anais estavam disponíveis para a realização deste levantamento”. [Artigo científico, Arquivos em movimento, 2014].
- (12) “Os resultados na aplicação desses métodos foram satisfatórios, pois houve produção de materiais didáticos, proporcionando o aprendizado de alguns conceitos relacionados à tabela periódica e seus elementos ajudando a superar obstáculos em relação ao conteúdo”. [Resumo, SBPC, 2015].

5. Considerações finais

Esta análise evidencia, em linhas gerais, que perífrases com verbo suporte “*haver*” constituem predicadores verbo-nominais complexos que (i) são acionados em diferentes domínios discursivos, gêneros textuais, modalidades de expressão; (ii) exibem geralmente as propriedades formais basilares de perífrases do mesmo tipo com outros verbos suportes (embora funcionalmente revelem algumas diferenças em comparação a estas); (iii) podem entrar numa relação de comparabilidade funcional com predicadores cognatos pleno e (iv) resultam de microconstruções que se organizam numa rede de construções de predicação complexa que pressupõe dois subesquemas construcionais impessoais com que “*haver*” se compatibiliza: um que envolve um SN predicante do tipo evento dinâmico e outro que envolve um SN do tipo estado.

Em estudo posterior, pretende-se como desdobramento deste trabalho e após ampliação dos dados observar a configuração funcional de

cada microconstrução detectada, além de cruzar fatores de análise e investir em experimentos de percepção e usos, buscando-se descrever a morfossintaxe do verbo “haver”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHISHMAN, Rove L. de O.; ABREU, Débora Taís. *Construções com verbos-suporte: Propriedades gramaticais e discursivas*. Linha D'Água. São Paulo, 2014. (V. 27)

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, The University of Chicago Press, 1995.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos S.. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, S.; BRANDÃO, S. (Orgs). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____. Haver, ter ou fazer na expressão de tempo decorrido. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs). *Português Brasileiro II: Contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1. ed. Niterói: UFF, 2008. (V. 1)

_____. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *Soletras. Revista do departamento de Letras da FFF/UERJ*, v. 18, 2014.

NEVES, M. H. M.A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos suporte. In: _____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 189-206.

OTHERO, G. de A.; KENEDY, E. (Orgs). *Sintaxe, sintaxes – uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Maíra. Há muito tempo atrás: Um estudo sobre haver + nome com valor temporal. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2010.

PINHEIRO, Diogo. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, G. de A.; KENEDY, E. (Orgs). *Sintaxe, sintaxes – uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (Orgs). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. (V. II)

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SARAIVA, E. A construção TEM-SE no Português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.